«CLARA e MARGARIDA», das Pupilas do Senhor Reitor

Desenho de Roque Gameiro

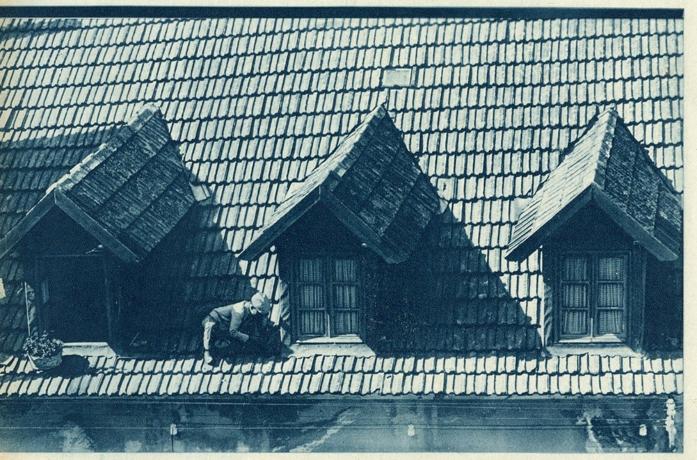
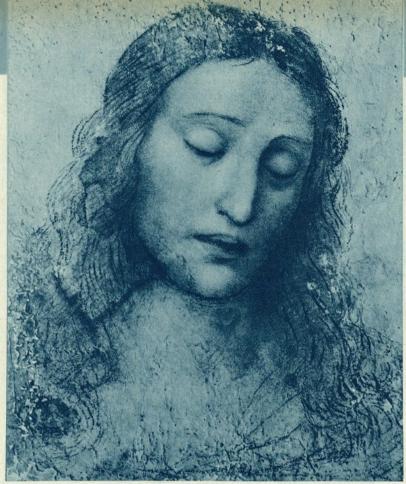
N.º 82
FEVEREIRO
1946

SUMÁRIO

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 — Número avulso 1$00

Foto: Engenheiro Fernando Carneiro Mendes

JESUS CRISTO

Leonardo de Vinci

ELE!...

Façamos uma pausa — uma longa pausa, por entre o barulho ensurdecedor desta hora em que o mundo todo corre desatinadamente, ao sabor de mil paixões, sem govêrno e sem norte... Paremos um instante para **O** encontrarmos... para **O** ouvir... para **O** consultarmos...

«...Se só **Ele** tem palavras de vida eterna!...»

Ele!... é o **Cristo** Senhor da História e da Vida; o Cristo Jesus do **Evangelho.**

Tão pouco **O** conhecemos!... Por isso, tão pouco **O** amamos...

* * *

Valerá a pena ficar aqui arquivado o documento que segue: — uma carta encontrada na biblioteca dos lazaristas, em Roma, escrita a Cesar Romano por Publio Lentulo, antecessor de Poncio Pilatos no govêrno da Judeia. Refere-se a Jesus Cristo que naquela época principiava a sua carreira apostólica.

E' a seguinte:

«O governador da Judeia, Publio Lentulo, ao Cesar Romano:

Soube, ó Cesar, que desejavas informações àcerca desse homem virtuoso, que se chama Jesus Cristo, o qual é tido pelo povo como um profeta e pelos discipulos dele como sendo o filho de Deus, creador do ceu e da terra.

Assevero-te, Cesar, que todos os dias se ouve contar dele coisas maravilhosas. Para dizer em poucas palavras, ele ressuscita os mortos e cura os enfermos. E' homem de mediana estatura e a sua fisionomia revela meiguice e ao mesmo tempo tal dignidade, que ao olhar-se para ele, cada qual sente-se obrigado a amá-lo e a temê-lo, ao mesmo tempo. O cabelo dele até à altura das orelhas, é da côr das searas, quando maduras, e dai até aos ombros, é loiro muito claro e brilhante! E' apartado a meio por uma risca, ao uso dos nazarenos. A barba é da côr do cabelo, crespa e não muito larga, e tambem é dividida ou apartada ao meio.

Os olhos parecem os raios do sol, e ninguem pode encará-lo de frente; quando faz censuras, inspira receio, mas em seguida chora; até no seu rigor é afavel e benévolo!

Dizem que nunca o viram rir, e antes chora frequentes vezes. As mãos e os braços são duma grande beleza. Toda a gente acha a conversação dele muito agradavel e sedutora.

E' raro vê-lo em público, e, quando aparece, é sempre com grande modéstia. O seu porte é muito distinto. E' muito bonito, e a mãe dele é a mulher mais formosa que até hoje apareceu nesta terra.

Se o quereis conhecer, ó Cesar, como me mandaste dizer na carta, eu enviar-to-hei ai. Apeser de nunca ter estudado, conhece todas as ciencias. Anda com a cabeça descoberta e quási descalço. Muitas pessoas quando o vêem ao longe, riem-se dele, mas quando ele se aproxima e estão na sua frente, então tremem e admiram-no!

Os hebreus dizem que nunca viram homem semelhante a ele, nem sabedoria como a dêle. Muitos acreditam que seja Deus, outros ha que asseveram que é um inimigo teu, ó Cesar.

Estes malditos judeus incomodam-me por todos os modos. Dizem que êle nunca fez mal a pessoa alguma, e antes emprega todos os seus esforços para fazer toda a humanidade feliz».

* * *

Talvez valha a pena interessar-te por **Ele** — pela sua figura divina, e pela sua divina acção junto das almas, ao longo dos seculos...

Se tu **O** conhecesses?!...

G. A.

UMA VIDA AVENTUROSA

NÃO nos causa estranheza, hoje em dia, ver em jornais e revistas fotografias e artigos sobre mulheres exploradoras, que atravessaram o Sahara, o Deserto de Gobi ou subiram ao Himalaia. Ainda menos nos surpreende que uma Senhora tenha decidido viver no Atlas ou nos confins da Persia. Nós não o faríamos, mas admitimos perfeitamente que uma alma mais inquieta e com meios para o fazer se meta nessas aventuras. Já tantas o têm feito!

Mas no Séc. XVIII nunca se tinha ouvido falar em tal! Podia, talvez, passar pela cabeça de alguém que uma mulher acompanhasse o marido (já tantas portuguesas o tinham feito), mas nunca que fosse buscar essas aventuras e interesses sòzinha e correndo todos os perigos a que então, mais ainda do que agora, se sujeitavam. Que a filha dum Lord, sobrinha do célebre ministro inglês William Pitt, educada em parte na corte de Jorge III o fizesse, era fora de todas as imaginações! Era pura e simplesmente inimaginável... e foi no entanto o que aconteceu.

Lady Hester Stanhope tinha tido uma infância um pouco anormal. Sua mãe Hester Pitt, filha do primeiro Pitt, que foi Presidente do Conselho tornando-se célebre, morrera cedo. Tinha chegado ao Castelo de Chevening numa auréola de brilho e glória. Os Pitt, como quase todos que servem bem a sua Nação, em lugares públicos, não tinham grande fortuna, mas os seus tios Grenville, (que derivavam do parentesco tanto orgulho) tinham-se encarregado de fazer que a sua entrada no mundo aristocrático da antiga nobresa fizesse sensação. Adorada pelo marido que dominava o seu feitio estranho e irrequieto para lhe agradar, nem sequer sentiu, nos poucos anos que viveu casada, a desilusão, que o resto dos Stanhope sofriam, que só tivesse dado filhas à antiga familia que agora representava.

Ao morrer na sua grande cama de estado, deixava as suas tres filhinhas entregues a um pai, que, professando uma filosofia diferente, daquela dos seus iguais, só podia criar com isso umas desenraizadas, do seu meio e época. Pensava talvez a jovem moribunda que o seu irmão, o 2.º célebre Pitt não deixaria de se ocupar das sobrinhas. Esperança e desejo? Talvez, mas quase certeza, pois ambos os célebres Pitt, (pai e filho) nobres de sentimentos como o eram de inteligência, nunca fugiriam a responsabilidades. O marido chorou sinceramente a sua morte mas... casou-se com a sua prima Louise Grenville... seis meses depois. Esta, elegante, brilhante e fútil, não tentou sequer ocupar-se das enteadas. Quase as não conhecia. Ficaram vivendo com a avó que as tratava bem, mas sem carinhos. Hester, inteligente, bonita e forte não sentia a falta de ternura de que a sua meninice foi privada. Seguindo, ou tentando seguir a evolução do espírito do pai, que cada vez mais se deixava influenciar pelas ideias da revolução francesa, viu-se, para ser lógica, a concordar com o pai, que era melhor guardar perús, do que ter lições. Os seus tres meios irmãos (que ela adorava) iam tendo, como ela, uma educação estranha. Lord Stanhope degirindo mal as filosofias que tentava assimilar, ia dando cabo do futuro dos filhos e da sua grande fortuna. Felizmente para Hester, o tio William Pitt viu a tempo a sorte que esperava a sua sobrinha preferida e levou-a para casa, onde (solteiro) a colocou como senhora do seu lar. Desde esse dia começou para Hester uma existência fiérica, tal o contraste com a sua precedente. Vivendo no convivio constante dum homem superior em inteligência, carácter e educação, acostumou-se a considerar a vida debaixo dum anglo politico e másculo, tendo adquirido as virtudes civicas do tio, sem pensar em cultivar as mais próprias do seu sexo. Alta, bonita, cheia de saude, recebida como filha adoptiva de Pitt na corte e nas grandes casas solarengas, tendo ao seu dispor equipagens e criados, acostumou-se ao luxo e ao poder, como se tudo lhe fosse devido. Inteligente, espirituosa e amicissima do tio, enchia o coração do velho homem de Estado e fazia-o esquecer as desilusões que os altos cargos sempre trazem. Levava a férias os irmãos para a residência do tio e podia assim ter sobre eles uma influência que, verdade seja dita, só empregou para os tornar uns homens de honra e energia. Estavão então as guerras Napoleónicas e Peninsulares no auge e foi para Portugal e Espanha que ela obteve que eles fossem mandados como oficiais. O jovem general Moore inspirou-lhe o que ela julgou uma grande paixão. Admirando a actuação do chefe de seu irmão quis casar com ele, mas pela primeira vez sentiu que nem para tudo bastava ser altamente colocada e empreendedora. Moore admirava-a mas não a amava. O seu ideal seria provàvelmente mais ternamente feminino. Consolou-se nos salões de Londres pouco cristamente, fazendo espirito com os defeitos dos seus pares. Teve a ilusão que disso ninguém lhe guardava ressentimento. A sobrinha de Pitt tudo se podia permitir...

No entanto os dias da sua grandeza em Inglaterra estavam contados. O célebre homem de Estado, à sombra de quem ela vivia, estava doente, muito doente. A fórtuna que possuira gastaraa- ao serviço da sua Nação. Lord Stanhope morrera sem deixar um vintém à filha que preferira a protecção do tio à do desiquilibrado pai. Mas Pitt, vendo que morria, formulou um desejo (ele que nunca pedira nada para si!) «Se a nação pensar que, deve recompensar os meus serviços, que tome conta da minha sobrinha» E no dia da sua morte o parlamento votou uma pensão anual a Hester Stanhope.

Não ficava na indigência, mas ficava sim, com o coração dilacerado. Chorou sem consolação o homem a quem tudo devia, mas quando quis buscar amparo à sua dor nos corações dos amigos, viu que poucos lhes restavam. Já ninguém a temia e muitos lembravam-se do seu espirito pouco caridoso.

Retirou-se então para o campo e resolveu viver aí retirada. Mas pouco tempo lá se conservou. Acostumada a tomar parte na vida pública do pais (embora indirectamente), interesse e movimento, não se resignava a tal existência. E pensou: «Se aqui já não posso nem interessar-me, nem servir o meu pais, talvez o possa fazer no estrangeiro.» Resolveu, então, viajar e ver o que se passava no Oriente...

. . . .

Lady Hester ia viajar. Mas para onde? E como? A Europa estava praticamente ainda nas mãos de Napoleão. Para chegar a paises neutros ou amigos era preciso correr graves riscos. Mas quando é que a sobrinha de Pitt tinha hesitado por medo? Nem sabia o que a palavra significava. Combinou tudo: fez o testamento, deu instruções ao seu banqueiro e no dia 10 de Feveiro de 1810, embarcou na Fragata Jason, acompanhada por seu irmão James, o médico que tomara ao seu serviço, N. Sutton. Levava também a sua criada particular.

A fragata fazia parte de um «comboio» de abastecimento para Gibraltar. Dali esperava poder seguir para Malta e Sicilia. Como o tempo estava péssimo e não podiam aportar em parte alguma levaram um mês para chegar aos célebres rochedos, onde a Inglaterra se entrincheirava. A viagem não começava

Lady Stanhope vestida à oriental — Desenho de Sir David Wilkie, 1841

Agulheiro, séc. XV

AGULHAS...

A agulha, esse pequeno objecto familiar a toda a mulher, é tão antiga que dizem que já existia na época das cavernas. Já então a mulher cosia...

Mas, para os vestidos desse tempo, penso que não seriam necessárias agulhas muito delicadas!...

Nas ruínas de Pompeia foram encontradas agulhas de ferro e de bronze.

As agulhas de aço começaram a aparecer no século XIV e chegaram, nos nossos dias, a uma grande perfeição.

Apesar do preço insignificante duma carta de agulhas, de vários tamanhos e grossuras, e até com o fundo dourado, fazem lá idela do trabalho que uma agulha custa antes de ficar pronta!

Cada agulha passa pelas mãos de numerosos operários. Primeiro que o aço se adelgace até ficar com a espessura da agulha, quantas voltas! Depois, é preciso cortar a agulha á medida, afiar a ponta e abrir um buraquinho por onde se enfia a linha.

Falta ainda polir a agulha, aperfeiçoá-la e metê-la na carteira...

Mas são bem empregadas todas essas canseiras, pois com esse pequenino instrumento de trabalho que é uma agulha, quantas obras primas se fazem!

Em todos os tempos a mulher fez gosto nas lindas «prendas» que saiem das suas mãos.

Antigamente, era até uma boa «recomendação» para uma menina mostrarem-se os seus bordados... E as mães não perdiam esta boa ocasião de fazer valer as filhas...

Conhecem o episódio das «Pupilas do Senhor Reitor» cuja gravura reproduzimos nesta página: a mãe da morena Francisquinha expondo à apreciação de Daniel, o jovem Doutor, os bordados da filha.

Hoje, a maior parte das mães não têm muito que mostrar, que em geral as filhas são fracas bordadoras!

As raparigas já pouco brilham com estas «prendas», embora a agulha fique bem na mão da mulher. E' uma jola que vale mais do que preciosos anels em mãos inactivas.

E a propósito de agulhas: não deixem as agulhas espetadas na roupa que trazem vestida, ou abandonadas por cima das mesas. E' perigoso! E' fácil picarmo-nos, e a agulha pode até introduzir-se no corpo, de onde depois não sairá sem muito sofrimento. O melhor é arrecadar as agulhas num agulheiro ou pregadeira.

Agulheiro, séc. XVI

Evitem também que as agulhas se enferrugem guardando-as em lugar úmido ou conservando-as muito tempo sem uso.

Se uma agulha corta a linha porque o buraco não está bem polido interiormente, dizem que dá bom resultado passar o fundo da agulha, ligeiramente, pela chama de uma vela.

E visto que estou a escrever para raparigas, a quem lendas e costumes interessam, sempre lhes quero contar que na Bretanha é costume as raparigas deitarem agulhas na água das fontes para saber se casam... Se a agulha fica a nadar, é sinal de casamento; se vai ao fundo, é pronúncio de ficarem solteiras.

Se quiserem experimentar!...

Se a agulha ficar ao de cima da água, tirem-na com jeitinho e apressem-se a fazer o enxoval!

Se for ao fundo... riam-se! E comecem o enxoval também. Nem todas as agulhas são boas profetisas...

COCCINELLE

---

bem, mas isso nada importava a Lady Hester. Ao contrário do esperado, o seu bom humor aumentava com a violência da tempestade.

. . . .

Em Gibraltar ficaram hóspedes do Governador. Mas a cidade, apenas cheia com a guarnição e refugiados de Espanha, não a interessava. Foi portanto com alegria que viu chegar ao porto o navio particular do jovem Marquês de Sligo. Este viajava com um amigo Michael Bruce. Ambos belos, riquíssimos e de pouco mais de 20 anos, viam tudo debaixo de um ponto de vista tão optimista que fazia bem conversar com eles. Eram destas criaturas à margem do mundo, que tornavam interessantes as próprias pedras que pisavam. Instruídos e curiosos de arqueologia, buscavam pelas costas do Mediterrâneo vestígios das antigas civilizações. Quando o barco do Marquês de Sligo levantou ferro para se dirigir para o Império Otamano, Lady Hester ainda ficava esperando transporte para Malta. Seu irmão e Sutton tinham regressado aos seus postos. Até que enfim partiu um navio para essa ilha, e Lady Hester seguiu nele, desembarcando em La Valetta no Domingo de Páscoa desse ano. O dia estava lindo, repicavam os sinos de todas as Igrejas. Estalejavam foguetes e os navios do porto tinham embandeirado. As laranjeiras, palmeiras e oliveiras remexiam suas ramagens à doce brisa latina. O governador da Ilha, convidou-a para habitar o seu castelo, mas ela não aceitou, foi hospedar-se em casa de uns amigos que viviam no velho palácio dos Cavaleiros franceses. Cheio de arruinada beleza e de poéticas e heróicas lembranças, era o sitio mais próprio para albergar o seu espírito altivo e romântico. Malta foi o seu primeiro contacto com as terras mais ardentes da Europa. Foi a antevisão do sempre sonhado Oriente. O governador emprestou-lhe, no verão, a sua residência do campo. Avistava das «loggias» à Italiana o belo jardim clássico e o Mediterrâneo ao longe. Passeava ao luar entre laranjais, e pôde assim, (como filha do Norte), julgar-se no Paraíso. — Mas queria continuar a viagem. Dissuadiram-na de ir à Sicília. Napoleão ameaçava-a. Combinou tudo então, para seguir dali para a Grécia, que estava como o resto dos Balcãs sob o domínio dos turcos. Contava ali encontrar o Marquês de Sligo que lhe escrevera, encantado com aquelas paragens.

Foi numa manhã ligeiramente ennevoada que do seu barco Lady Hester viu desenharem-se os contornos torturados da costa da Grécia. Não havia vento e os «caiques» otamanos reflectiam as suas velas cor de laranja num mar que parecia de metal fundido. No porto de Zante ia grande animação. Esperavam naquele dia uma «Princesa» inglesa...

Lord Sligo caminhava do interior, para a costa, trazendo «firmans» (cartas de recomendação ou passaportes) das autoridades turcas para entregar a Lady Hester. Sem elas era impossível ver coisa alguma. Os Pachás podiam ser encantadores ou extremamente desagradáveis...

O séquito do Marquês de Sligo era extraordinário. Tão numeroso e faustuoso que provocava a admiração dos próprios orientais, habituados a luxo. Tanto o jovem Lord, como o seu amigo Michael Bruce tinham estudado arqueologia com o célebre Dr. Gell, e despendiam grandes somas em excavações que lhes tinham dado o prazer de descobrirem estátuas de deuses antigos e até os grandes portões do Tesouro de Atreus. Tudo transportavam para o seu país e o parque do Castelo do Marquês de Sligo ia-se enfeitando com os tesouros da antiga Grécia. Juntaram-se os tres amigos e visitaram a velha Arcádia. Ora a cavalo, diligência, ou barco, foram visitando as cidades mais interessantes.

Em Corinto foi Lady Hester pela primeira vez visitada por um Bey, que lhe deu a honra raríssima de a deixar visitar o seu harém. Noutros sítios foram-lhes dado jantares solenes de oitenta pratos!

Mas o encontro que mais a impressionou foi a do seu jovem compatriota Byron. Enquanto esteve em Atenas viu-o juntar-se ao seu grupo, mas não lhe deu toda a importância que o seu génio merecia. A própria população grega não sabia que veria a dever-lhe a sua libertação. A beleza física e terrível «pose» de Byron ofuscavam, para quem não era perspicaz, o seu verdadeiro merecimento.

Em Atenas embarcou de novo. Dirigia-se a Constantinopla, à Antiga Byzancio que ainda fazia sonhar aqueles que sabiam da sua passada grandeza.

. . . .

(Continua)

FRANCISCA DE ASSIS

NOIVAS

Noivas são todas as raparigas que pretendem casar. Noivasinhas de sonho... noivas do príncipe encantado! Noivas são as noviças que se prometem a Deus. Noivas do Senhor!...

* * *

Todas as raparigas sonham com o amor, e para a maior parte delas o casamento é a realização natural de um sonho ou de um ideal de amor.

* * *

Com tempo e carinho cuidemos do nosso enxoval para que quando for tempo a nossa arca esteja bem cheia!

As coisas estão tão caras que têm que ser compradas aos poucos e poucos, e depois, com que gôsto não faremos pelas nossas mãos as roupas que usaremos na nossa casa!

M. B.

FALAREMOS hoje, Paula, nas roupas de casa. São as que primeiro se devem fazer, as que menos mudam de moda.

Os lençois usam-se agora práticos e simples com bordados pouco abertos, onde o ferro não prenda. O modelo que te damos é muito bonito e delicado. A grinalda é bordada a cheio e os traços tambem. É difícil bordar a cheio em linhas rectas. Poderás alterar o bordado substituindo os traços a cheio por baínhas abertas muito estreitinhas, isso que vulgarmente se chama ponto «à jour» feito à mão.

Com este desenho compor-se-á a borda ou dobra do lençol, bordando-o a espaços regulares. Ao meio, uma mão travessa acima, bordarás a firma. A baínha do lençol deve ter 4 centimetros no mínimo: é feito com bainha aberta. 8 ou 10 centimetros acima dela o bordado.

* * *

Perguntas-me, Paula, quantos lençois deves levar? Dir-te-ei: quantos mais melhor.

Antigamente os enxovais eram tão grandes que parte dos lençois chegava aos filhos, e por vezes aos netos, por estrear. Era bom linho caseiro, fiado ao serão pelas meninas da casa. Linho grosso e duradoiro, que nem as mais fortes coras e barrelas conseguiam gastar Hoje leva-se muito menos, dura muito pouco, e pensa-se pouco nas roupas de casa. No entanto, Paula, eu parece-me que 2 dúzias, é o mínimo.

Parece-te muito? Não é. — Depois de casados é mais difícil, com as despesas e responsabilidades de um lar constituido, substituir as roupas que se vão gastando. Nessa altura, a conta do médico, da farmácia, os filhos e a sua educação, são despesas certas que não poderás cortar.

Por isso te digo: pensa maduramente no caso e não te precipites a alugar casa antes da arca estar bem cheia e as tuas despesas bem calculadas.

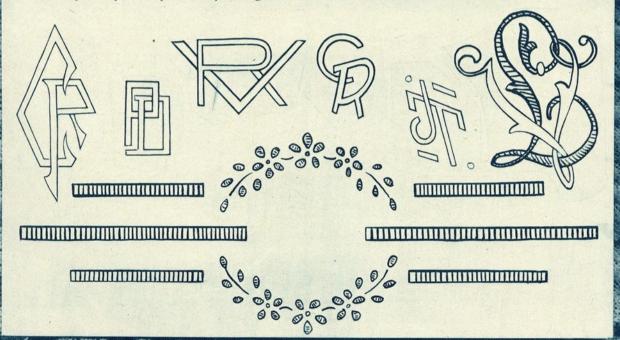
12 lençois simples; 6 de baixo e 6 de cima.

6 lençois bordados e 6 de baixo.

Ao todo 12 mudas. É o estricto necessário. Faze tu mesma as fronhas condizentes com qualquer leve bordado que condiga com o lençol. Tens bom gosto: fácil te será compor. Especializa-te em bordar firmas. Estão caríssimas!...

* * *

Para que te saia mais em conta, compra uma peça de pano cru bem forte. Talvez a possas comprar a meias com a tua prima Laura. O pano cru, depois de bem lavado e corado, fica absolutamente branco, e é mais resistente do que qualquer outro.

Nos lençois simples não percas tempo com grandes bordados. Uma bainha aberta e uma firma bastam.

Nota de redação

Apareceu há meses nas livrarias um livro de Maria Amália Fonseca — «Quando a vida é primavera» — que encantou a gente nova. Nem admira. E' um livro para raparigas e em que vivem raparigas, com as mesmas aspirações, qualidades e defeitos das suas juvenis leitoras.

E' um livro são, em que há alegria e há ternura, e com simplicidade, entre sorrisos ou no assomar de uma lágrima, dá lições para a vida...

E' um bom livro, que se lê com gôsto, sem massar nada, e deixa no coração e na alma qualquer coisa de bom.

Pois a autora de «Quando a vida é primavera», dignou-se dar-nos a sua colaboração e inicia hoje no nosso Boletim uma história inédita, propòsitadamente escrita para as filiadas da M. P. F.

Estão de parabens as nossas leitoras!

CAMARADAGEM

I

A caminho do Liceu ...

MADALENA ouviu a buzina do taxi que a esperava lá em baixo.

— Que maçada! A permanente tinha ficado tão dura! Os caracois não se ageitavam ao seu rosto redondo como um pecego...

Depressa encafuou os livros para dentro da pasta, a correr voltou ao quarto, abriu uma gaveta, tirou o cache-col novo que lhe tinham trazido de Espanha, pregou-o com um broche «Bambi» e deixou entaladas as pontas das fitas de muitas côres.

. . . .

A Maria Antónia, quando ouviu a buzina do taxi, já tinha comido o pequeno almoço com os irmãos e até lhe sobrara tempo para ajudar a vestir o Chiquinho, o mais novo que todos os dias enfiava um sapato ao contrário e se esquecia de assoar aquele nariz...

. . . .

Mas... ninguem correu tanto pelas escadas abaixo como a Ermelinda e a irmã, a Lenita, que já tinham dado os bons dias aos Pais e estavam à porta da escada, quando sentiram a buzina do taxi. E' que a Ermelinda, como as outras, tinha nessa manhã exercício de latim. E o latim do quinto ano não é graça.

. . . .

Não é graça? Isso poderia imaginar a Ermelinda, uma pequena filha de gente modesta que precisava de se habituar a ter «aplomb», agora a Lourdes, quando ouviu a busina do taxi, tinha a certeza de si, de que ninguém deve mostrar fraqueza ou nervos pouco firmes. O seu orgulho, um certo franzir de testa e uma aspereza na voz, faziam com que as outras, que já a esperavam no taxi, troçassem entre si:

«Arranjem lugar, meninas, sua Magestade não gosta de ir contrafeita».

— Oh! que espiga! Eu antes quero ir para ao pé do chauffeur.

— Não, Madalena, exclamou a Maria Antónia. Ela que vá. Tu sentas-te aqui e eu ponho ao meu colo a Lenita, que é a mais pequena.

A Ermelinda saltou para o lado do chauffeur, porque a Lourdes podia não gostar, e a Madalena ficou triste:

— Coitada da Ermelinda, sacrifica-se sempre!

Entrou a Lourdes e o taxi despediu.

— Ai filhas! continuou a Madalena, arrepelando os cabelos toda excitada com a ideia. Estou afli-tissi-ma com o exercício de latim. Calculem! Ontem estiveram lá em casa os meus primos e fartámo-nos de dansar. Diverti-me imenso. Depois, à noite, combinámos ir ao cinema... estão a ver, onde ficaram as fábulas de Fedro!

E mudando de tom: Tambem, estou farta de ter exercicios óptimos e a sr.ª D. Albertina, quando muito, classifica-os com um B grande.

A Lourdes, indiferente, com ar superior olha a paisagem..

Porém, a Maria Antónia não tem a mesma opinião.

— Não acho nada! Para um exercício impecável, que tenha as orações todas boas, boa redacção e, por exemplo, só com um erro num complemento, como o último da Ermelinda em português, a sr.ª D. Albertina foi muito justa, deu-lhe um B grande.

A Lourdes resolveu dizer em ar de troça:

— E' porque a Ermelinda tem *fama* da melhor aluna da turma.

— E não é? preguntou a Maria Antónia.

— Sei lá se é! Sei que em história faz como as outras, copia indecentemente quando pode e lá por isso não deixa de estar no quadro de honra...

A irmã da Ermelinda que está no terceiro ano, para quem as meninas do quinto crescem em grandeza e lhe fazem bater o coração por serem desenvoltas, faladoras e saberem muitas coisas, arriscou timidamente:

— A minha irmã estuda muito. Merece estar no quadro de honra.

A Lourdes relanceou um rápido olhar à pequena e a Maria Antónia apertou-a a si, de modo que a Lenita sentisse a justiça das suas afirmações.

De subito o carro parou.

— O que aconteceu? Exclamaram as pequenas, vendo na frente a parlamentar com o chauffeur um grande polícia de capacete branco.

Abriram a porta e o polícia contou:

— Cinco pessoas! O senhor não pode levar cinco pessoas neste carro.

— O' senhor guarda, são crianças!

— Crianças? Você está a mangar comigo? Crianças deste tamanho? E' do regulamento! Você sabe muito bem que tem de ser autoado, é lei. Dê-me a sua carta.

A Madalena, espanta pardais, saltou para a rua.

(Continua na pág. 16)

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ROQUE GAMEIRO

AO entrar na sala das «Belas Artes» acolheu-me o sorriso suave de Mamia Roque Gameiro Martins Barata, filha do Mestre aguarelista, cuja Exposição eu ia visitar.

Um bom encontro. Sentamo-nos a conversar. Quantas vezes, no remanso do seu lar, eu já lhe tinha ouvido as mesmas palavras de saudade pelo Pai — «que nós adoravamos» — a mesma admiração pelo artista, de quem ela, com humildade tocante, diz que se sente tentada à vaidade de usar o nome...

Felicito-a pela iniciativa da Exposição. Mas Mamia interrompe-me logo para dizer que a ideia foi da Mãe. Foi ela que sonhou juntar as obras do marido numa exposição retrospectiva, fazendo-o assim voltar, ao fim de 10 anos, numa evocação de beleza que um espírito imortal anima.

— As filhas aceitaram com entusiasmo, mas temos todas tanto que fazer, — diz-me Mamia — que o tempo ia passando... A Mãe, que não tem outra ideia, senão o marido e os filhos, que vive disto, não nos largava... Foi ela a grande animadora oculta. Quando o filho, Ruy, morreu, com dinheiro que lhe tinha pertencido, instituiu um prémio na Escola de Belas Artes. Depois, ao levar-lhe Deus outro filho, pensou em unir a sua memória a esta homenagem ao Pai, com o que era seu. E assim, com ternura, o seu coração de Esposa e de Mãe soube fundir todas as saudades, exaltando a memória daquele de quem foi desde os 16 anos — pois tão novinha casou — a companheira ideal.

E Mamia fala-me desse lar que foi também o seu, da existência patriarcal que nele se vivia, um pouco austera, talvez, mas afectuosa, elevada e sã, onde tanto o Pai como a Mãe procuravam incutir nos filhos o gosto pelo trabalho e o culto das virtudes sólidas, sintetizadas na divisa da família: *«Honra teus Avós»*.

— Foi um percursor da educação moderna o meu Pai — diz-me Mamia; gostava que nos ocupassemos em qualquer coisa de útil, que trabalhassemos, fosse no fosse, embora a arte tivesse as suas preferências. Quando ainda não era costume as raparigas trabalharem, já aos 16 anos, qualquer de nós já ganhava para os seus alfinetes...

Admiro-me de todas as filhas de Roque Gameiro terem saído artistas, pois quem não conhece os nomes de Helena, Raquel e Mamia Roque Gameiro? E conhecem-se os *nomes*, não simplesmente porque são filhas do Mestre Roque Gameiro, mas porque honrosamente continuam a tradição familiar.

Mamia, em resposta à minha pergunta, conta-me como logo de pequeninas, à fôrça de verem o Pai trabalhar e de terem, elas próprias, o lápis sempre na mão, começaram a desenhar. Era coisa séria!... Pois aos 3 e 4 anos de idade, já o Pai recompensava com prémios os melhores trabalhos; prémios em dinheiro, uma *fortuna:* cinco reis, dez reis...

Mas que alegria! A apreciação do Pai valia tanto! E assim, desde pequeninas, foram desenvolvendo as suas tendências natas para o desenho e a aguarela — a maravilhosa arte do Pai.

.....Vamos agora, lentamente, dando volta à Exposição. Mamia indica-me alguns dos seus quadros preferidos: *Gruta Marinha,* onde a transparência da água é impressionante; *Entrada da Praia da Adraga,* de areia leve, sobre a qual morre, em tonalidades delicadas, a luz do sol da tarde; *Praia do Peixe — Ericeira,* onde inúmeras figuras minúsculas, se mexem, e donde parece até que sobe o borborinho da venda. Mais adiante, pára a visionar o *Baptismo de Cristo* na pureza de uma pocinha de água na Serra da Estrêla...

Mas não foi a montanha que mereceu a predilecção de Roque Gameiro; era sobretudo o mar que o seduzia.

Mamia conta-me que o Pai esteve uma vez acampado durante muitos dias na Praia da Ursa, para ver nascer e pôr-se o sol. Quedava-se longas horas a contemplar o mar. Quando assim profundamente se absorvia na contemplação da natureza, dizia que «estava a trabalhar». E estava!

A Obra de Roque Gameiro, embora tenha a frescura da expontaneidade e a espiritualidade da inspiração, embora nela esteja marcado o cunho da sua personalidade artística e seja de apreciar a sua técnica, é uma obra em que se adivinham *os olhos que souberam ver* a colaborarem com a alma que soube sentir e a mão que soube realizar.

E a propósito dessa estada na Praia da Ursa, onde Roque Gameiro viveu numa barraca acompanhado apenas de um filho de 11 anos, Mamia conta-me que um dia foram apanhados por um temporal que lhes pôs a vida em perigo, porque os pedregulhos desprendiam-se da *falaise*, e não tinham para onde fugir. A praia é apenas uma pequena faixa de areia; quando a maré enchia, tinham de subir para as pedras.

Mas estas «aventuras» não tiravam a Roque Gameiro o gosto de peregrinar pelo país fora, andando léguas e léguas, à procura de um desses cantos de paisagem que nós encontramos reproduzidos com tanta beleza e cor local nos seus quadros. Todos nós *reconhecemos* alguma coisa que nos é familiar... Nesta paisagem... naquela aldeia... em tal ou tal costume popular.

Paramos em frente das ilustrações das «Pupilas do Senhor Reitor».

Para *Clara* — diz-nos Mamia — serviu de modelo a filha, Raquel; para *Margarida*, uma sobrinha, Ebe.

E deu-se, agora, um caso engraçado. Alguns visitantes da Exposição, ao verem uma filha de Ebe, julgaram que tinha sido ela quem tinha servido de modelo. Parecida com a Mãe, *descobriram-na em Margarida*...

Vamos seguindo. De vez em quando Mamia é abordada por pessoas que a felicitam pela Exposição. Mas Mamia, a quem essas palavras de homenagem ao Pai comovem, no entanto sente como o marido, artista também, que «apesar de admirar muito o sogro como artista, diz que o admira mais ainda como homem, pela sua bondade».

E é nessa bondade que todos reconheciam, na sua afabilidade encantadora, que Mamia especialmente se desvanece.

E eu compreendo, sim, que para ela, mais do que todas as medalhas que o Pai ganhou em Portugal, e mais do que todos os prémios do *Salon* de Paris e das Exposições de Barcelona e do Brasil, etc., a enterneça a lembrança dessa bondade, que foi sol na sua vida de criança, que foi exemplo na sua vida de rapariga, e é devoção eterna do seu coração de filha!

MARIA JOANA MENDES LEAL

Notícias da M. P. F.

Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho — Centro n.º 1 — «Embaixada da Alegria e da Bondade»
Uma cena da representação da festa recreativa, à qual se seguiu a distribuição de roupas e outros donativos a crianças pobres

O centro n.º 72 da «Mocidade Portuguesa Feminina» na Escola Industrial de Fonseca de Benevides inaugurou, no dia 20 de Dezembro, um lindo Presépio.

As filiadas distribuiram brinquedos às crianças, algumas peças de roupa, e organizaram ainda duas *Embaixadas de Bondade e Alegria*.

A primeira foi no dia 22 de Dezembro à Creche «Victor Manuel», na Calçada da Tapada.

Na presença da Directora da Creche e do pessoal que ali presta serviço destribuiram brinquedos às crianças, que entusiàsticamente os receberam. Cantaram ainda canções que foram muito apreciadas.

A segunda Embaixada teve lugar no dia 24 de Dezembro, ao asilo das ceguinhas — a Escola «António Feliciano de Castilho».

Se na primeira as filiadas vieram felizes pela acção que acabavam de praticar, na segunda ficaram impressionadíssimas pela maneira como as crianças aceitavam os brinquedos e os rebuçados; algumas, na sua alegria, beijavam e embalavam enternecidamente as bonecas. E, querendo demonstrar melhor o seu agradecimento recitaram poesias, tocaram e cantaram.

As nossas filiadas igualmente recitaram e entoaram canções regionais, terminando pelo hino da Mocidade cantado juntamente com as alunas do Asilo-Escola.

Em seguida, visitaram as instalações deste modelar estabelecimento de Ensino, tendo a professora demonstrado amável e inteligentemente o Método ali seguido.

Fotografia tirada por ocasião do baptismo dos irmãos duma aluna da Escola Industrial de Fonseca Benevides, e casamento dos próprios Pais. A mãe foi baptizada antes da cerimónia do casamento. Serviram de padrinhos o coronel António Baptista de Carvalho, Dig.mo Director da Escola, e a Directora do Centro n.º 72, D. Didia Jorge. Foi catequista a Sr.ª D. Ema Pinheiro Osório, que, desveladamente, não se poupou a trabalhos e canseiras em prepará-los para o solene acto

Centro n.º 72 — Escola Industrial de Fonseca Benevides — *Distribuição de roupas e brinquedos a crianças pobres*

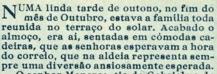
Presépio armado na Escola Industrial de Fonseca Benevides
Centro n.º 72

Escola Industrial de Fonseca Benevides — Centro n.º 72 — *Embaixada da Alegria e da Bondade ao Asilo-Escola de Ceguinhas «António Feliciano de Castilho»*

RAPARIGAS DE ONTEM

2.º EPISÓDIO

A CARTA

NUMA linda tarde de outono, no fim do mês de Outubro, estava a familia toda reunida no terraço do solar. Acabado o almoço, era aí, sentadas em cómodas cadeiras, que as senhoras esperavam a hora do correio, que na aldeia representa sempre uma diversão ansiosamente esperada.

O senhor Menezes, tio de Gabriela e de Maria Luiza, marido da Tia Lota, tinha ido com os pequenos, João e José, até à estrada esperar o correio, na venda. As senhoras trabalhavam e conversavam. Gabriela olhava a paisagem que a beleza do dia tornava deslumbrante. A luz de outono, essa luz que tudo torna suave, dava um realce extraordinário aos mais pequenos detalhes. Os campos de erva de um verde esmeralda, emoldurados pelas vinhas em latada, a que as folhas vermelhas davam um aspecto de cercadura de tapete, os soutos de castanheiros próximo do rio, os pinhais que desciam suavemente a encosta, tudo se embelezava nessa luz doirada do outono em que há a languidez de um fim de estação. Ao longe, na volta do rio, Serreleis e Santa Marta, espalhavam as suas lindas casas, nesse aspecto populoso que torna tão risonho o Minho naquela região, juntando à paz do campo o agrado da convivência humana, que alegra o espírito.

Gabriela, habituada desde criança a admirar o belo e a senti-lo profundamente, deixava-se penetrar do encanto que de tudo se evolava nessa linda tarde. De repente estremeceu, uma mão pousara sobre a sua e a voz meiga da sua prima Guida Menezes perguntou:

— Em que pensas Gab iela?

— Em como tudo isto é lindo e como nunca paisagem nenhuma me entrou tanto na alma como esta. Será porque é a do meu país e onde os meus sempre viveram?

Guida, sorrindo, disse-lhe:

— O Minho é lindo em toda a parte e pode ser comparado às mais belas paisagens, mas tens razão no que dizes; sentimos qualquer coisa diferente nos sítios em que os nossos viveram, e vocês melhor do que eu o devem sentir, porque são quase umas desenraizadas. Mas tu, Gabriela, és bem portuguesa de sentimentos e a simpatia e a amizade que nos uniu logo que nos vimos é bem a prova de que és nossa.

Gabriela sorriu à sua prima e apertou-lhe a mão. Guida de Menezes era a filha mais velha da Tia Lota, com apenas mais dois anos e meio do que Gabriela, e casada há tres anos com Henrique de Vilhena, um moço engenheiro de grande futuro. Ela, uma inteligência invulgar, tinha-se formado em letras e casara no ano da sua formatura. Os dois formavam um par completo e tinham conscientemente fundado um lar cristão, já animado pela graciosa Maria da Luz, que fazia dois anos de ali a dias, e, em breve, nova vida viria aumentar esse casal modelo.

Gabriela e Guida na convivência intima dum mês tinham apertado laços de profunda amizade. Sentiam que as suas almas eram bem irmãs.

Guida apreciava a inteligência viva de Maria Luiza, a sua personalidade forte, o seu anseio de vida, compreendia o seu desejo de independência, mas sentia o sofrimento que isso causava à boa Gabriela, que no seu espírito de sacrifício resolvera ficar com a Avó, e por isso preferia, como amiga, Gabriela.

Maria Luiza, trazendo ao colo Maria da Luz, saiu à porta da casa e aproximou-se

— Aqui lhes trago esta «Luz» que encontrei vagueando lá em cima no corredor com ares de exploradora um pouco assustada. Não sei como conseguiu subir a escada sòzinha, é bem da minha familia, na sua ousadia, esta encantadora boneca.

E pousando a pequena nos joelhos da Mãe, sentou-se numa almofada que estava no chão ao pé das duas e sacudindo os seus caracois louros perguntou:

— Que diziam vocês em ar de mistério enquanto a Avó e a Ti Lota discutem criadas e projectos de inverno. E olhem que têm razão de pensar nele, porque apesar da beleza do dia já há um ar bem fresco.

— Falavamos da beleza da paisagem, respondeu Gabriela, e diziamos que nenhuma nos parecia mais bela, por ser tão nossa.

— Linda é, na verdade, e hoje, então, com este luminoso dia está uma maravilha, mas vocês sentir-se-iam felizes sempre a olhar para estes campos?

Guida, olhando seu marido que num canto do terraço lia absorvido uma revista, respondeu-lhe:

— Com o Henrique, a «boneca» e todos os meus reunidos como estamos aqui, a mais feia paisagem me pareceria o paraizo.

— Tens razão Guida, disse Gabriela, e puchando o molho de caracois do alto da cabeça de Maria Luiza, acrescentou: Nós contentamo-nos com o que Deus nos dá, não somos como tu, ambiciosas de espaço e movimento.

Maria Luiza ia responder animada, quando chegaram João e José correndo com o correio. Os dois alegres rapazes, com os seus 15 e 14 anos, eram a alegria e o orgulho da Tia Lota, que quando Guida tinha oito anos tivera a alegria de ter o primeiro filho rapaz, que seu marido tanto desejava, e um ano depois lhe dera outro forte e belo. Os dois rapazes agitavam as cartas e jornais no ar.

João, sempre o mais brincalhão, disse a Gabriela:

— Toma uma carta do estrangeiro, prima cosmopolita, e olha que há outra para a Luizinha, mas é letra de homem.

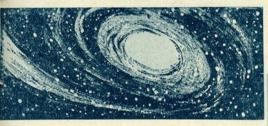
Todas riram e as duas irmãs ao pegar nas cartas, carimbadas de Londres, reconheceram a caligrafia de Colette de Vilmaison e de seu pai, às quais estavam habituadas na sua convivência, tão intima, com aqueles bons amigos.

Gabriela abriu e leu com comoção a carta de Colette.

Querida amiga:

«A tua carta veio avivar as enormes saudades de vocês duas, as companheiras queridas da minha solidão de filha

«Maria Luiza trazendo ao colo Maria da Luz...»

CURIOSIDADES

— Dizem os sábios que certas nubelosas — e existem milhões delas — contêm biliões de sois maiores do que o nosso. Na verdade, o firmamento anuncia a glória de Deus! Só Ele é grande, só Ele é poderoso, Ele que criou o Céu e a Terra!

— Todas têm ouvido falar nas Pirâmides do Egipto. Mas nem todas saberão, talvez, que a palavra egípcia Piremus, significa alto. E as Piramedes do Egipto são altos monumentos; a maior mede 138,m da base à extremidade superior. As Pirâmides serviam de sepulturas reais. As mais célebres são as de Cheops, Chefren e Mykerinos.

JANEIRO JUNHO

— Na América existe um pássaro que no inverno é branco e no verão é preto! Como sucede isto? A ponta das penas é branca, e essa parte branca vai-se gastando até ficar só a parte negra.

— Com estas baixas temperaturas pouco acima de zero, não se vêem senão pessoas queixando-se do frio nos pés e nas mãos. Talvez queiram imitar os lapões que forram as luvas e o calçado com ervas secas... E' evidente que as luvas não podem ficar muito elegantes nem os sapatos ser de medida muito pequena! Continuaremos, pois, a sofrer o frio, sacrificando à elegância!

única. E tudo o que me dizes dos teus desejos e... dos de Maria Luiza fez nascer um projecto na minha cabeça louca de menina mimada, a que te peço com o maior empenho que não faças oposição.

Dizes-me que Maria Luiza quer ser independente e sonha ganhar a sua vida, dizes que lhe custa habituar-se à vida de província, em Portugal.

Eu, como sabes, desde que tive aquele desastre de automóvel, fiquei sempre fraca e nervosissima; depois da vossa partida o meu estado piorou bastante, e os médicos dizem que eu não posso passar o inverno em Londres de onde o pai não pode sair e onde a Mãe não quer deixá-lo só porque a sua bronquite reponta com o nevoeiro londrino.

A Avó está em casa da Tia de Coulanges, que tem as pequenas com tosse convulsa, e os médicos receitam-me nada menos do que uma viagem a Itália! Até aqui disse sempre que não ia; só com a Miss Nuir, a boa criatura que tanto nos acompanhou nos nossos passeios, seria uma maçada, mas o pai pensou que a Maria Luiza me acompanhasse e fiquei radiante. Só tenho um desgosto é que não sejam vocês duas as minhas companheiras. Como sabes, temos em Roma amigos do pai e alguns nossos, como M.me Krupensco, a ministra da Roménia, assim estaremos muito amparadas não te parece?

Querida Gaby, aceitem! A Maria Luiza será independente, ganhará a sua vida, e fará a felicidade duma pobre doente, que é a vossa dedicada

Colette.»

Gabriela sentiu o coração apertado ao ler aquela carta, mas corajosamente estendeu-a a Maria Luiza, que tendo lido a que lhe era dirigida, muito pálida, mas com uma luz viva nos seus olhos castanhos, entregou à irmã a que recebera do senhor de Vilmaison.

Querida pequena.

«Diz-me Colette que você pensa em trabalhar. Colette precisa de quem a acompanhe numa viagem que esperam os médicos a restabelecerá do choque que sofreu. A vossa ausência fez-lhe mal, e, minha mulher e eu, teriamos a maior alegria que você aceitasse o encargo de acompanhar uma doente que tanto lhe quer.

Miss Nuir dará a respeitabilidade à vossa caravana e será para si uma auxiliar.

Se aceitar, como esperamos, minha mulher e eu encontrar-nos-emos em Paris nos meados de Novembro com Colette, e as três seguirão a sua viagem.

Terá a sua independência, recebendo a indemnização do seu trabalho, e fará uma obra de caridade acompanhando uma grande amiga doente.

Colette escreve a Gabriela, e ambas aceitem os nossos protestos de viva amizade, e peço-lhe, apresente os meus respeitos a sua Avó, que não tenho a honra de conhecer, mas que estimo como a Mãe dum dos maiores amigos que tive.

Guy de Vilmaison.»

Depois de lerem as duas cartas as pequenas abraçaram-se e Gabriela disse:

— Vai Maria Luiza, se a Avó der licença.

— E tu?

— Eu ficarei com a Avó e sentir-me-ei feliz de saber que realizas o teu sonho, indo com uma querida amiga, junto de quem não sentirás certas humilhações do trabalho remunerado. Mas vamos ler as cartas à Avó, e agora, que chegou o tio Manuel, façamos um conselho de familia.

E levantando-se levou as cartas à Avó que pondo os óculos as leu a toda a familia que se tinha posto à sua volta.

Ao acabar, suspirando, disse:

— Então Maria Luiza não te sentes bem aqui? Que ideias de independência, que eu não compreendo de forma alguma!

— Mamã — disse a Tia Lota — as pequenas são de hoje, foram educadas lá fora, têm a sua maneira de ser, nós temos que acompanhar a juventude. Eu não deixei formar a Guida por minha vontade. E ela não casou é não é um amor de esposa e de Mãe? O Henrique que o diga.

— Lá isso é verdade, Mãe, — disse Henrique, e eu compreendo o sentir de Maria Luiza.

— E como se trata de uma familia amiga de gente de respeito, acho que aproveites — disse o tio Menezes.

— Então vocês aprovam que a pequena vá por esse mundo fora só com a velha inglesa e a outra menina?

— E porque não há-de ir? — disse Guida — as raparigas de hoje já se sabem governar.

— Eu cá — disse José, a quem ninguém perguntava a sua opinião — acho que não tem espinhas e que a Guida é o que se chama uma mulher de sorte.

— Não se preocupe com a companhia — disse Manuel de Menezes — vai um amigo meu com a mulher para Paris em Novembro. A Luiza vai conosco para o Porto, e depois com a Guida e o Henrique para Lisboa, e dali segue com essa familia.

— Visto que todos concordam e fazem já os projectos, que hei-de dizer? E tu, Gabriela, o que dizes?

— Que vou ter muitas saudades, mas para Maria Luiza é a maneira de realizar um dos maiores sonhos da sua vida, uma viagem à Itália, e em condições que eu nunca pensei, quando ela falava em ganhar a sua vida, e para mim, avòzinha, a felicidade dos que me rodeiam é o meu ideal.

— Vou ter imensas saudades de todos, porque as estimo profundamente, e de Gabriela nem falemos, mas é como que um sonho ver realizados estes dois desejos: ganhar a minha vida e ver a Itália. E ter como patroa Colette, que engraçado! Como agradeço à Avó a sua autorização — e beijando a boa senhora venceu as últimas resistências.

Todos, rodeando a Avó e a Neta, começaram a dar conselhos a Maria Luiza, que rindo dizia:

— Lembrem-se que estou habituada a viagens, Gabriela e eu desde os seis anos que não fazemos outra coisa.

. . . .

À noite, quando as duas irmãs foram para o quarto, o luar inundava com a sua pálida claridade as duas janelas e as irmãs, encostadas aos vidros antes de acender a luz, comtemplaram a paisagem; a lua espelhava-se nas águas tranquilas do rio e uma paz quase sobrenatural dava grandiosidade a tudo que as rodeava. Então Gabriela, abraçando mais a irmã, disse-lhe:

— Maria Luiza, vamos separar-nos por um tempo, promete que não me esquecerás e que nas tuas cartas me abrirás toda a tua alma. Não te esqueças dos perigos que rodeiam uma rapariga em viagem e tem sempre o maior cuidado na sociedade cosmopolita que frequentarás em hoteis; e com as nossas amigas, do meio diplomático, olha que é preciso não esqueceres que a nossa situação mudou, e sabes... tenho medo que sofras, quando nesse meio souberem que tu és apenas a dama de companhia de Colette...

— Não te aflijas querida, abrir-te-ei sempre a minha alma, e quanto a esse sofrimento de que falas não o sentirei, bem sabes que sou de alma forte, e a opinião dessa gente a que te referes é-me indiferente. Olha, vamos juntas rezar e pedir a Deus que nos dê forças para a separação e que separadas nos ampare e proteja, e, perto ou longe, seremos sempre as irmãs unidas que temos sido até hoje.

E as duas raparigas na claridade leitosa do luar ajoelharam aos pés do Crucifixo pendurado entre as duas camas e ergueram ao Céu fervorosa prece.

MARIA D'EÇA

(Continua)

GENTE NOVA

VIII

As senhoras Vila Fresca não tinham inventado o boato a respeito de Domingas; e era certo que o Dr. José de Oliveira, proprietário riquíssimo do Douro e dono dum banco no Porto, lhe fazia uma corte assídua. Tinha-a encontrado em Vidago, onde ela estava com a mãe e a Chucha; e, na intimidade da vida diária nas termas, formara-se entre ambos um convívio agradável.

Imprudentemente, a mãe de Domingas não preguntara a ninguém qual era a situação do banqueiro; apenas sabia aquilo que tantas vezes basta saber para certas pessoas: que tinha grandes e boas propriedades e uma enorme fortuna. Domingas, porém, que até ali fora sempre uma rapariga leal, coerente com as suas ideias e os seus princípios, soubera por um hóspede do hotel que o seu adorador era divorciado; e que deixara a mulher e dois filhos sem que houvesse razões para tal abandono. Logo nessa tarde, quando ele as veio buscar no seu luxuoso carro para uma excursão por Trás-os-Montes, Domingas pediu à mãe e à Chucha para desistirem do passeio.

— Desistir porquê? — exclamou a Chucha, fula. — Eu adoro ir e se não queres ir, vou eu com a tia.

E foram, deixando Domingas fechada no quarto.

No dia seguinte, a tomar as águas, o banqueiro declarou-se, com veemência.

— Posso oferecer-lhe uma vida de luxo, Domingas; e tenho por si uma tal paixão que você fará de mim o que quiser.

— Pode dar-me tudo... menos o casamento, bem sabe — respondeu a rapariga, com firmeza.

— O quê, vai prender-se com essa bagatela? — preguntou ele, admirado. — Mas há milhares de mulheres, casadas só segundo a lei! Em que é que isso impede um homem e uma mulher de serem felizes?

Domingas sentiu a incompreensão daquele homem; e limitou-se a responder:

— Olhe, não pense em mim. Simpatiso consigo, não posso negá-lo; é uma fatalidade... Mas sou católica e não posso casar civilmente, bem vê.

— Não desisto, fique sabendo: é uma loucura da sua parte, mais nada. E nos tempos de hoje quem se prende com tais insignificâncias? Não me dê a sua resposta já; pense maduramente e, de Lisboa, é que me há-de dizer quando quere que se marque o casamento.

Domingas chorara, a sós consigo mesma; e lamentara estar tão longe de Francisca Teresa, cuja alma cheia de força moral a amparava sempre tanto...

Contou à mãe e à Chucha o que se passava; mas, com espanto triste, ouvira da própria mãe palavras de indesculpável aceitação:

— E' pena, é; mas, minha filha, nos tempos que vão correndo é preciso encarar a vida duma maneira diferente. Então a Sofia não se registou também? e é felicíssima, afinal; já tem um rancho de filhos.

— Se o não queres p'ra ti, Domingas, talvez ele se vire para mim: tinha pilhas! — e a Chucha riu às gargalhadas ao ver a cara estupefacta da prima.

Meses depois, em Lisboa, Domingas desabafou com o irmão; o encantador Rodrigo, cuja rectidão era conhecida de todos.

— Esse homem não existe para ti como pretendente — disse Rodrigo, com força.

Nos bailes do entrudo, porém, Domingas tornara a encontrar o banqueiro; e as conversas, a dança, o convívio entre os dois, começavam a dar que falar na sociedade. Algumas cartas se haviam trocado...

— Não faço nada de mau, visto que não estamos para casar, Tété — respondia Domingas às observações de Francisca Teresa. — E' um simples convívio agradável.

— Não te fica bem, Domingas; corta de vez com esse convívio.

— Se tu visses o maravilhoso relógio de pulso que ele me mandou para os meus anos! — tornou Domingas, com entusiasmo. — Uma verdadeira joia!

— E tu aceitaste?!

— Uma prenda d'anos todos podem receber!

Um dia, emfim, passados meses, a pobre Domingas entrou, ofegante, pelo quarto de Francisca Teresa: na véspera da festa em que José Paulo ficara noivo da sua amiga.

— Que tens, Domingas? — perguntou Francisca Teresa, vendo-a cair no sofá a chorar.

— Acabei com tudo, Tété; mandei o relógio, as cartas, tudo, e escrevi-lhe a pedir que nunca mais se dirigisse a mim...

Francisca Teresa sentou-se ao pé dela, abraçou-a ternamente e disse-lhe, limpando com o seu lenço as lágrimas que lhe cobriam a cara:

— Tiveste a verdadeira fortaleza cristã, Domingas; verás o enorme consolo que vai invadir a tua consciência!

— Perco tanta coisa boa para a vida...

— Ganhas tanta coisa boa para a alma...

— Ele gosta de mim a valer, Tété!

— Outro virá que te fará feliz em absoluto.

— Mas olha que é bom ser-se rica...

— E' bem melhor ser feliz dentro do dever!

Domingas vencera a tentação... E agora, apesar do seu desgosto, uma grande paz enchia a sua alma; embora impregnada, ainda, de melancolia.

Dias depois, Domingas veio a casa do general; e toda a família se encontrou na sala à hora do chá.

— O Rodrigo parte para a Zambézia, Tété; e queres saber uma novidade esquisita?

— Desconfio que adivinhei.

— Resolvi partir com ele, imagina! Tu bem avalias como ele vai triste, tristíssimo; e ainda nem sabe que estás noiva do José Paulo...

— O Rodrigo para mim é um irmão — disse Francisca Teresa.

— Isso não o consola — tornou Domingas. — Mas como eu também me sinto mal lá em casa, onde a Mãe não aprovou as minhas resoluções...

— Não aprovou?! — perguntou Cecília, admirada.

— A Mãe não é bastante religiosa; e diz que essas situações são, hoje em dia, vulgares.

— Incrível... — murmurou o general.

— Lembrei-me por isso de acompanhar o Rodrigo. E a Chucha fica lá em casa agora.

— Que faz ela no meio disto tudo? — perguntou Manuel.

— Tem milhentas ideias na cabeça, isso tem — tornou Domingas — mas não sei bem quais são...

— Não se me dava saber o que está dentro daquela pinha! — concluiu Manuel.

— Mas o que eu ainda não disse — tornou Domingas — é a parte mais interessante da nossa viagem. O Rodrigo, para o lugar que vai ocupar, precisa de ver umas coisas técnicas e agrícolas...

— Onde? — perguntou o general.

— Na Itália, imaginem; de maneira que temos o seguinte projecto que muito me sorri: vamos daqui a Génova por mar; de lá a várias terras italianas e de Nápoles é que embarcamos rumo à Africa! Julgo que seguimos pelo Mar Vermelho, visto que o fim do Rodrigo é a Zambézia.

— Que esplêndida viagem, Domingas!

— Ver novas terras, novos meios, novas gentes — observou o general — vai ser um regalo para a sua inteligência, Domingas.

— Quando voltares — murmurou-lhe Francisca Teresa ao ouvido — como te parecerá longe toda essa história do banqueiro divorciado...

IX

José Paulo voltara para casa radiante. E, apesar do seu temperamento não ser dos mais expansivos, procurou o pai logo na manhã seguinte e falou-lhe da sua resolução a respeito da encantadora Tété.

— Gosto bem que te decidisses — respondeu o pai — mas disseste-lhe que partias para longe antes de casar? Ela acolheu bem o teu pedido?

José Paulo teve um sorriso de triunfo.

— Tu julgas que eu ia correr o risco de não ser recebido com entusiasmo, Pai? A Tété adora-me. Podes ter disso a certeza; e espera todo o tempo que eu quiser.

— Ainda bem, meu filho; é uma adorável rapariga. E explicaste-lhe os teus projectos, as tuas ambições, o sítio para onde vais trabalhar?

— Nada disso; nem é preciso. Mas quero-te dizer-te a ti, como é o meu dever, que parto já, por estes dias, no «Clipper»

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

(Desenho de GUIDA OTOLLINI)

— Para onde?!

— Primeiro vamos a Nova York, o meu sócio e eu; depois, provàvelmente, para mais longe... Muito mais longe.

— Assustas-me, José Paulo.

— Não vale a pena, Pat; devemos instalar-nos no Texas.

— Petróleo?

— Petróleo.

— És lacónico. Está organisada essa Companhia? Dispõe de capital?

— Não me perguntes mais nada, se queres ser-me agradável. Mas prometo-te uma coisa: o sucesso! — e José Paulo levantou-se.

— Deus te oiça, meu filho — disse o advogado, quase com gravidade, levantando-se também.

Francisca Teresa sentia-se felicíssima. E a confiança que lhe inspirava o amor de José Paulo era tão grande como a admiração pela sua inteligência!

— Esta partida súbita para a América, ou Deus sabe para onde, é que me não agrada — disse o general, nas vésperas do dia marcado para a saída do «Clipper». — Parece-me tudo isto tão estranho, tão precipitado...

— Oh! Avô, então que tem de extraordinário? — exclamou Cecília. — A vida de hoje é rápida, é intensa...

— Há meses, já, que ele pensava nisto — disse Francisca Teresa.

— E tu, que és a noiva, sabes bem para onde ele vai? — tornou o avô. — E em que consiste o trabalho? — Francisca Tereza còrou um pouco.

— Tenho tal confiança no José Paulo que nem lhe pergunto nada — respondeu.

— Pois fazes mal — concluiu o velho. Mas os pais, a irmã, o irmão, todos discordavam do general; e José Paulo sentia-se ali envolvido num ambiente de verdadeiro entusiasmo.

— O Rodrigo e a Domingas partem daqui a dias, sabem? disse-me a Chúcha ao telefone — declarou Manuel.

— Essas conversas com a Chúcha estão-se tornando muito frequentes, Manuel — observou Cecília.

— Que querem? resolvi educá-la! Tem pilhas, e não se importa de passear comigo por toda a parte: qualquer dia vamos cear.

— Alto lá, menino — ralhou o pai — você lembre-se que é menor, e não quero cenas com raparigas conhecidas.

Manuel embezerrou. E nesse momento tocou o telefone.

— E' ela — disse o rapaz, correndo para o telefone — E' você, Chucha?

— Eu preciso de dar-lhe um recado, Nel — disse Francisca Teresa, tirando o auscultador da mão do irmão.

— Olha, Chucha, sou eu agora. Diz à Domingas que vou lá depois de amanhã passar a tarde. Vai no «Clipper», sim. Amanhã. Para a América; não é mistério nenhum, que ideia! Adeus.

— Não sei como tens paciência para aturar a Chucha, Manuel — declarou Francisca Teresa, num tom aborrecido. Mas Manuel, amuado, saíra da sala.

E José Paulo veio fazer as suas despedidas naquela noite.

— Quando terei as primeiras notícias? — perguntou-lhe, terna e timidamente, Francisca Teresa, enfiando o seu braço no dele.

— De Nova York, se puder, telefono. Se não, mando um rádio.

— José Paulo, como talvez seja grande esta separação, gostava de falar consigo em socêgo.

— Tenho o espírito cheio de preocupações, Tété; não posso demorar-me muito.

— Mas...

— E não quero, ouviu? que chore pela minha partida. Detesto lágrimas, você bem sabe.

— Para onde posso escrever?

— Eu direi de lá, Tété.

— Não se zanga que eu vá despedir-me de si ao «Clipper», não?

Ele teve um sorriso satisfeito.

— Zangar-me? Não, pelo contrário. Mas vá chic, bem vestida, com o chapéu castanho que lhe dá um ar... estupendo. Mostre-se como é: uma rapariga moderna, prática, sem preguices. Agora um abraço, Tété.

E envolvendo a noiva nos seus braços fortes, José Paulo pousou de leve os seus lábios nos dela. Depois, declarou, sorrindo:

— Tenho o amor e a audácia; vou buscar o que ainda me falta: a riqueza!

— Tão longe... — murmurou a noiva, pensativa.

— Já não há longes, hoje em dia, Tété.

Há a vontade de «ferro»... mais nada.

E, despedindo-se de toda a família, José Paulo saiu de casa do General.

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— Há quantos anos nos reunimos para coser, Zé! — observou Clara, sorrindo satisfeita.

— E olha que são reuniões bem agradáveis, estas! — respondeu Maria José.

— Quantos *nús* não temos já vestido! — disse Joana, contente.

— E quantas ideias aqui temos desenvolvido! — meteu Alice.

— A respeito de ideias — tornou Clara — tenho vontade de ouvir as opiniões de vocês sobre algumas. Para começar pergunto:

O que é a felicidade, meninas?

Alegres gargalhadas acolheram a pergunta de Clara.

— Como queres que se responda a essa pergunta?! — disse Maria José, a sério. — Para a felicidade é preciso saúde; é preciso dinheiro; é preciso...

— Não concordo — tornou Clara — Mas digam, digam...

— Não concordas, Clara! — gritou Joana — pois como pode ser-se feliz vivendo na penúria?!

Sem fato bom, sem cozinha fina, sem vida chic, sem...

— Nada disso faz parte da felicidade: são accessórios, simplesmente — disse Clara.

— Mas que importantes accessórios! — exclamou Rita — Não creio que uma rapariga possa sentir-se feliz faltando-lhe o bem-estar, o conforto, a fartura; é impossível.

— Eu não me importo com a riqueza — disse Maria José — mas a pobreza deve ser terrível...

— Eu quando penso na felicidade, profunda, completa — tornou Clara — vejo-a principalmente na parte moral e espiritual da vida.

— Pois sim, mas tu és uma santa; nós não somos nada disso e queremos comer, beber, dançar, casar... — gritou Joana.

Todas riram, aprovando; e Clara continuou:

— Nada disso é incompatível com a minha concepção da felicidade; apenas, para mim, estão esses gozos em segundo lugar: e, creiam o que lhes digo, para vocês, se pensarem bem, também estão.

— Então toca a dar explicações, menina Clara — pediu Joana.

— Se tiverem todos os dias óptima cosinha, boa saúde, bailaricos divertidos...

— Que rica vida! Oh quem dera! — cantou Joana.

— ... e a par dessas delícias a vossa mãe, ou o vosso pai, ou os vossos irmãos estiverem tristes ou doentes, já não acharão graça a nada; porquê? porque a vossa alma não pode deixar de estar triste também.

— Ah nisso tens tu razão, Clara — disse Alice.

— Se lhes sair a sorte grande...

— Oh Clara, que ideal! — gritou Rita.

— ... mas se lhes morrer uma pessoa querida — continuou Clara — nem alegria poderão sentir.

— Isso é certo — disse Rita, pensativa.

— Depois, ricas, a felicidade é tão diferente para umas e para outras! Assim, o que dará felicidade a vocês, não será decerto o que a dará à filha da porteira, pois não? Nem, talvez, a uma princesa reinante! Dizia o meu avô, e eu nunca o esqueci, que a felicidade estava no *exito das aspirações de cada um...*

— Que complicado que isso é, Clara — disse Joana.

— Não é, Jana; é simples, até. Tu por exemplo, desejas uma determinada coisa...

— Desejo milhentas, Clara!

— Se as realizares, sentes-te feliz e tens a felicidade!

— E tu, Clara, como defines a felicidade? — perguntou Maria José.

— Ah, eu... — e Clara hesitou um momento; depois tornou:

— Afigura-se-me, sabem vocês, que a pessoa que souber, e puder, e conseguir, *cumprir alegremente o seu dever*, sempre e em todas as ocasiões, não poderá deixar de sentir-se feliz — concluiu Clara, simplesmente.

Legítimo Orgulho

Sôbre escarpada, abrupta penedia,
sentei-me a prescrutar o mar potente.
Maravilhava-me o furor crescente
com que, na areia, a espuma sacudia.

Não desfitava o meu olhar ardente,
subjugava-me bárbara magia,
a ouvir essa estranha sinfonia...
— e cheguei a julgá-lo omnipotente.

Porém, ao longe, surge branca vela
e, à minha frente, acode a caravela
que outrora cruzou os mares, triunfal.

E, ao relembrar a luta gloriosa
de tanto Herói, eu sinto-me orgulhosa
por filha ser do eterno PORTUGAL

CAMARADAGEM

(Continuação da pág. 7)

— Não há direito! Se o senhor teima em fazer pagar a multa ao chauffeur, eu tenho parentes militares que lhe podem fazer perder o seu lugar. Conhece o sr. tenente Matos? E' meu tio. E o capitão Ramos? E' meu primo. Já vê o senhor que está em maus lençois...

A Lourdes deixou-se cair para traz no encosto e pôs-se a rir, a rir, a rir sem poder parar.

Então a Maria Antónia que achou aquilo de muito mau gosto e era toda coração, saiu pela outra porta e aproximou-se do polícia.

Ele continuava a teimar.

— Estou dentro da lei, cumpro ordens. Deixe ver a carta sr. motorista.

Este recalcitrava.

— Com licença sr. guarda, disse a Maria Antónia, com a sua voz clara e persuasiva; não escreva ainda. Pense primeiro que se este homem se levanta de manhã cedo, com este frio, para ganhar a vida é porque tem necessidade disso. Outros ficam na cama. O senhor com esta multa vai tirar-lhe um dia ou mais do seu ganha pão, porque ele trabalha por sua conta. Tem coragem para isso?

Acrescentou ainda sorrindo-se: Ora, quer fazer aí a soma das nossas idades? Olhe eu tenho 16, aquela 15, a outra 15 tambem, a mais pequena 13 e a mais velha 17. Faça lá a soma, eu ajudo: 6 e 5, 11; e 5, 16; e 3, 19; e 7 são 26 e ha 2; 1 e 3, 4, 5, 6, 7. Aí tem! Se o senhor soubesse que ia no carro um velhote de 76 anos, não pegava com o chauffeur, pois não?

O guarda estava desarmado mas a Maria Antónia voltou-se para a Ermelinda e disse-lhe:

— O' Ermelinda, dize a este senhor que o teu pai também é da polícia. Promete-lhe que logo hás-de contar-lhe que um colega dele fez hoje uma boa acção...

O polícia pôs as mãos atrás das costas e, quando a Maria Antónia passou para tomar o seu lugar, a Ermelinda segredou-lhe:

— Admiro-te! Só uma rapariga bem educada como tu pode falar como tu falaste. Ajuntou mais baixinho ainda: eu estava com tanto medo de perder o exercício de latim!...

(Continua)

Maria Amolia Fonseca